

CIBERESPAÇO E HIPERTEXTO: UM NOVO OLHAR ACERCA DO ROMANCE

Danielle Cristina Pereira Penha

gimaridani@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1439709785463042>

A Literatura tem exercido, através dos séculos, um papel muito importante. Ela permitiu e permite até hoje, a criação de uma realidade própria, transpondo para o papel sonhos e fantasias pessoais ou coletivas, tornando-os reais para o leitor. Ao produzir uma obra o autor pode ser acometido por sensações distintas como, por exemplo, o prazer e a alegria de escrever e a sensação de poder ou domínio. O escritor sente-se livre para criar pessoas, fabricar fantasias ou dar-lhes liberdade, além de inventar cidades e outros espaços. Está em suas mãos o poder de dar vida ou causar a morte, decidir sobre o destino de suas criações, até mesmo sobre os fenômenos da natureza.

Desse modo, escrever ganha caráter de jogo, brincadeira, onde quem comanda as regras e as cartas que serão usadas é o autor. Contudo, no jogo da criação literária como em qualquer jogo torna-se imprescindível a presença de um outro jogador, o leitor. Sendo assim, o desafio de quem escreve é conquistar o leitor, despertando nele as mesmas sensações sentidas no ato da criação. Nesse sentido, os estudos apresentados por Wolfgang Iser (1999) em seu livro *O Ato da Leitura*, postulam que o significado da obra literária situa-se, principalmente, na figura do leitor. Como responsável pela atualização do significado de uma obra literária, cabe a ele interpretar o texto para que o objetivo do autor seja alcançado.

Podemos pensar, assim, que o romance concentra em sua essência uma significativa subjetividade. Desde a sua gênese, esse gênero narrativo, relativamente recente, tem sido instrumento de muita discussão no meio acadêmico, social e religioso. Obras consideradas perigosas pela Igreja foram julgadas pela Inquisição no século XVII, interrompendo, com isso, uma possível contribuição para a humanidade, tendo sido queimadas e destruídas. Configura-se nessas atitudes e em outras ocorridas mais tarde como a censura, o medo do poder que o romance representa, uma vez que ele comporta em si as metamorfoses do real, permitindo que se exponha experiências positivas e

negativas, as mazelas humanas, sem que se corra o risco de julgamento, porque o seu conteúdo é não-real.

Visto por este prisma, o romance possui a função de não só distrair o leitor como também para se descobrir verdades já existentes e despertar para fatos desconhecidos. A tensão entre o real e o imaginário, aliada ao poder de recriar e criticar sem que se possa ser responsabilizado pelo que expõe à sociedade proporciona ao romance o caráter de liberdade de criação, causando desconforto aos leitores menos propensos ao novo.

Desde a invenção da prensa de Gutenberg, o romance, historicamente, vem se adaptando às diferentes formas de resistência ao tempo. Nos dias atuais, a grande revolução é a sua vinculação no ciberespaço. Denominado de hipertexto por Lévy (1999), o romance passa, graças aos avanços da internet, a permitir que o leitor não apenas possua *links* que o liguem a outros textos imediatamente durante a leitura, como também a possibilidade de interferir na narrativa e mudar elementos da estória narrada. Essas inferências podem algumas vezes causar o estranhamento para os adeptos do meio tradicional de apresentação do romance em formato de livro. Porém, permitem que os jovens leitores tenham um contato mais eficiente com obras clássicas, considerando que a linguagem entre os dois não é a mesma, ao menos o domínio da tecnologia em que estes romances lhes são apresentados, permite que o interesse pela leitura seja estimulado.

Conceitos teóricos acerca do gênero romance e o poder de adaptação do gênero serão necessários para explicar que, por mais que ele apresente algumas debilidades e por vezes tenha sofrido críticas e julgamentos, ele ainda continua exercendo um papel de extrema importância na sociedade atual e contribuindo ricamente para o enriquecimento da Literatura.

A situação do romance – contextualização teórica

Desde sua criação, o texto literário é carregado de sentidos. As palavras são combinadas para indicarem e sugerirem ideias que estão muito além do habitual. Dessa maneira o texto literário permite expressar sua individualidade através das palavras. O criador de uma obra literária pode lançar mão de elementos retirados da realidade externa

ou da realidade interna, mas, mesmo quando retrata elementos reais o autor trabalha minuciosamente com as palavras para criar seu texto.

Candido (2003) afirma que:

A literatura é uma atividade sem sossego. Não só os “homens práticos”, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade, concluindo com frequência e pelos motivos mais variados que não se justifica: porque afasta das tarefas “sérias”, porque perturba, a paz da alma, porque corrompe os costumes, porque cria maus hábitos de devaneio. (CANDIDO, 2003, p. 82)

Depreende-se que a literatura permite que a imaginação e o devaneio entrem em cena. Através da distração e do entretenimento, o texto literário desperta, questionamentos e curiosidades no íntimo do leitor, que se reconhece na obra e identifica-se com os personagens – mergulho que pode levá-lo a descobrir realidades ainda não experimentadas ou a conclusões que o fazem despertar para outras realidades. O disfarce da realidade permite que a ideologia de cada autor seja transmitida ao leitor de maneira tênue, sem chocar. Esse poder de “levar a pensar”, nem sempre é visto com bons olhos, gerando a crise do romance, que necessita, não raras vezes, afirmar-se no meio literário. Essa carga de subjetividade atribuída romance gera instabilidade, pois:

Isto faz que a literatura quase nunca tenha consciência tranquila e manifeste instabilidades e dilaceramentos, como tudo que é reprimido e contestado: tem dramas morais, renuncia, agride, exagera a própria dignidade, bate no peito e se justifica sem parar. (CANDIDO, 2003, p. 82)

Sendo assim, o autor, no intuito de surpreender, sente-se na obrigação de transmitir a visão do que considera passível de reflexões e discussões. Muitas vezes, nessa busca pela autoafirmação, peca pelo excesso e acaba provocando no leitor sensações não esperadas, dando abertura às opiniões que não contribuem de maneira favorável à sua obra. Desencadeia desse modo, um efeito de inquietação que o obriga a se justificar perante a crítica e os leitores.

As ideias de Candido fazem-nos refletir e concluir que a “timidez do romance”, encontra-se atrelada diretamente à tríade “divertir-edificar-instruir”. Funções da obra de arte que, a nosso ver, não se sabe qual delas é a mais importante e significativa. O homem instruído consegue se envolver com maior facilidade naquilo que lhe está sendo

apresentado, e a detenção do conhecimento edifica, porque causa a sensação (mesmo que momentânea), de poder transformar aquilo que incomoda. Segundo os preceitos de Candido (2003), o romance contribui para a formação do homem tanto quanto a História:

(...) não há oposição marcada entre verdade e ficção, pois muitas fábulas são História e muitas narrativas históricas fábulas. Se a História representa o desejo da verdade, o romance representa o desejo da efabulação. (CANDIDO, 2003, p.99)

Podemos concluir que o gênero romance não deve se intimidar pelo fato de trazer a fantasia para a realidade ou por não representar a realidade de maneira fidedigna, pois a própria História deixa espaço para a contestação. Assim, ao invés de se preocupar em assemelhar-se com a ciência, o escritor deve buscar, acima de tudo, o despertar do senso crítico no leitor, levando-o a pensar em assuntos que nem sempre fizeram parte de seu cotidiano. A fantasia apenas servirá de acessório para a realidade que permanecerá imutável independente da vontade da crítica. O romance é tímido e não insignificante, pelo contrário, sua função de despertar para assuntos polêmicos é muito bem desenvolvida, por isso ele incomoda e desperta interesse.

Defendendo esse conceito, Fehér (1972), em seu livro *O Romance está morrendo*, contesta os ideais de Lukács descritos em *A teoria do romance*, na qual afirma que a morte do romance será inevitável, teoria escrita em meio a Segunda Guerra, fato que justifica essa visão pessimista. Talvez Lukács, mais tarde, tivesse mudado suas ideias sobre a morte do romance, embora nunca tenha publicado nenhum texto ou ensaio expondo uma visão contrária à primeira. Fehér (1972) prova que o romance não se encontra em vias de morrer, mas passa por transformações em sua estrutura, adaptando-se ao novo homem, à nova sociedade. Segundo o autor, o homem deste século não compartilha dos mesmos sentimentos do homem medieval, que não se sentia só porque sabia que poderia contar com a intervenção e a proteção divina.

O romance no século XIX é descrito por Fehér (1972) como sendo a “epopéia burguesa”, que crescia, com a mesma velocidade que o capitalismo tomava conta da sociedade. O romance do século XIX foi escrito por e para os homens que vivenciaram a

morte do Deus cristão. O romance apresenta um herói problemático que vive em meio a desilusões constantes.

Pelo contrário, o que é especificamente perfeito no romance, este gênero artístico original produzido pela sociedade burguesa, é que comporta na essência de sua estrutura, todas as categorias que resultam do capitalismo, a primeira sociedade fundada sobre formas de vida “puramente sociais”, que então não são mais, doravante, “naturais”. (FEHÉR, 1972, p. 11)

A crise do romance é percebida de maneira mais clara quando o autor “perde a fé na forma-estrutura” do romance. O grande dilema do autor é escrever para um leitor que possua um modo de pensar e agir diferente do leitor da epopeia, cujo herói tem seu destino traçado desde o início, é predestinado a vencer ou perder. Já o herói do romance é responsável por fundar seu próprio mundo, porque vive em um universo só dele e perde o aspecto de um ser etéreo, tal qual na epopeia e passa a ser tratado como criatura. Uma criatura que tem em suas mãos o poder de decidir e escolher suas próprias ações. Ao mesmo tempo, não sabe o que fazer com tamanha liberdade, o mais importante não é apenas rebelar-se contra aquilo que lhe causa desconforto, sua função vai além, e passa pela obrigação de fazer outros seres sociais pensarem nos temas apresentados na obra. Contudo, a sociedade limita-se ao círculo da esfera que compartilha dos mesmos desejos e anseios do autor, perdendo o caráter de coletividade da epopeia:

O romance, ao contrário, comporta sempre o risco de se tornar – no sentido mais estreito e deletério do termo- uma história privada. Por outro lado, a pequena comunidade da esfera íntima. (FEHÉR, 1972, p. 31)

O estatuto existente de família nos séculos anteriores sofre um grande abalo no século XIX. A proteção da família se limita a manter o indivíduo seguro das hostilidades da sociedade. O herói do romance é fruto da sociedade burguesa e não da família. Sua casa é sua fortificação, apenas em seu interior ele pode ser o que é sem representar. A liberdade do herói ocorre quando consegue libertar-se dos laços naturais, emancipando-se, porque não se reconhece mais no meio familiar:

... o ponto de partida das condições das relações no romance é um conjunto de pessoas privadas burguesas que vivem em suas casas ou em seus apartamentos isolados um do outro, que não podem se

considerar senão como reciprocamente desconhecidos. (FEHÉR, 1972, p. 66)

Entretanto, os contatos no interior da família não exercem este efeito de onipotência que é próprio dos laços de sangue na epopeia...: o indivíduo não é filho da família, mas em primeiro lugar da sociedade burguesa. (FEHÉR, 1972, p. 66)

A leitura de Fehér (1972) demonstrou que o romance não está próximo de sua morte. A problemática do romance encontra-se não em sua validade como obra literária, ou na sua estrutura e forma, mas no fato de o romance apresentar uma sociedade fragmentada, que não vive mais em uma comunidade diferente da concebida na epopeia. O homem, agora, se tornou um ser solitário, vive em um universo próprio independente dos laços sanguíneos. Assim como a sociedade sofreu modificações em sua estrutura e passou por alterações de valores e costumes, também o romance se modifica, aceitando agora entre outros aspectos, heróis problemáticos, sem caráter, proletários, entre outros que não condizem com o modelo de herói da epopeia. Todavia, a força e o poder de transformação de pensamento farão do romance algo vivo e com *status* de representante da sociedade, sem risco de “adoecer”.

O hipertexto e o ciberespaço – breves considerações

Com o advento da internet, o homem contemporâneo encontra-se diante de uma gama de possibilidades tecnológicas incomensuráveis. Dentro destas possibilidades temos o hipertexto. Segundo Lévy (1993), trata-se da possibilidade de ligação de um texto com vários outros. Ou seja, durante a leitura do texto original, graças aos recursos da internet, o leitor, através de *links*, tem possibilidade de fazer ligações com outros elementos suscitados pelo texto. Para Lévy (1993):

Os hipertextos podem propor vias de acesso e instrumentos de orientação em um domínio do conhecimento sob a forma de diagramas de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos. Em um contexto de formação, os hipertextos deveriam, portanto, favorecer, de várias maneiras, um domínio mais rápido e mais fácil da matéria do que através de audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual. (LÉVY, 1993, p. 33)

Do ponto de vista da teoria de Lévy (1993), podemos afirmar que o hipertexto permite ao leitor que uma rápida ligação do texto seja feita e assimilada com outros campos do conhecimento. Por exemplo, durante a leitura de um romance os elementos históricos não são conhecidos pelo leitor, que, rapidamente, podem ser descobertos a partir de uma seleção de palavras em apenas um clique. Ele será transportado para uma outra página, onde os elementos serão explanados em recursos diversos, como o texto escrito podendo ser acompanhado de som e de imagens. A diferença principal entre a leitura do romance tradicional e do hipertexto é a linearidade. A versão impressa do livro segue uma ordem linear e a leitura realizada no ciberespaço permite a ligação com outros elementos constitutivos da obra de forma imediata.

O hipertexto auxilia o trabalho da leitura do romance porque se trata de um liame entre o clássico e o novo tecnológico. Nesse sentido, Lévy (1999) afirma que se torna imediata uma reflexão sobre o futuro da educação, já que o conceito de conhecimento está sendo transformado e a formação obtida durante décadas passa a ser obsoleta, não se enquadrando nos novos padrões de tecnologia. O computador e a internet estão cada vez mais indispensáveis para a sociedade, e quem não acompanha essa mudança fica para trás.

Essas mudanças estão inseridas no ciberespaço, segundo Lévy (1999,p. 15), que pode ser definido como *“o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”*. O ciberespaço é um ambiente que não necessita da presença do homem para funcionar, mesmo sendo o responsável pela sua existência. Concentra toda a memória coletiva e faz parte do cotidiano, possibilitando a interação entre vários meios de comunicação de forma rápida e direta. A internet, por sua vez, é o meio que sustenta o ciberespaço através dos sites, blogues, fóruns e *chats*.

Esses conceitos são muito mais profundos, porém, o nosso objetivo é comprovar que o romance enquanto gênero não morreu. Encontra-se no estágio de sensíveis modificações e adaptações para atender a um mercado que vem cada vez mais se rendendo às inovações tecnológicas. O renomado crítico e escritor Umberto Eco (2003), por exemplo, não vê negativamente a utilização do hipertexto e do ciberespaço para a

ampliação de conhecimento do romance. O meio pelo qual a leitura de uma obra é feita não importa para a qualidade de conteúdo que ela apresenta:

Quanto proveito para suas mentes e quanta perda para sua vista. Se as gerações futuras chegarem a ter uma boa relação (psicológica ou física) com o *e-book*, o poder de *Dom Quixote* não mudará. (ECO, 2003, p. 10)

Eco (2003), em todo o texto, demonstra que a qualidade literária da obra não se localiza no meio em que ela foi apresentada, se em papel ou no ciberespaço, argumentando que a qualidade reside em seu conteúdo, em sua fábula imutável. A capacidade de leitura pode ser diferente em um meio e outro, pois que com a obra impressa o conhecimento prévio de alguns fatos permite uma leitura mais eficaz, porém, a leitura no meio virtual é mais ampla se o leitor ignora o nome de determinado lugar, ou quem foi certa personagem. Tais informações podem ser adquiridas apenas com um clique, rapidamente.

O cânone e o ciberespaço

Isso posto, podemos afirmar então que o gênero romance encontra-se longe de desaparecer, como afirmou Lukács. Pelo contrário, tem demonstrado uma enorme capacidade de adaptação ao novo. Sem discutir o conceito de cânone, os livros listados pelo cânone literário renderam-se também ao meio digital.

Os livros digitais ou os chamados *e-books*, vêm, cada vez mais, ampliar a divulgação das obras literárias canônicas, apresentando o formato digital de um livro que permite a leitura com o auxílio de aparelhos como o computador, *pages* e até mesmo alguns celulares. A maior vantagem apresentada por este recurso de leitura é, sem dúvida, o fácil manuseio. Obras como *Dom Quixote*, de Cervantes podem ser acessadas de qualquer lugar em menos de um minuto. Outro ponto que vale ser ressaltado é o custo, alguns *downloads* já são gratuitos, motivo que contrapõe o alto preço de algumas obras no mercado livreiro impresso.

Promover a leitura de obras de arte que apresentam um grau de qualidade literária elevado é fundamental para a Educação e a formação de jovens leitores. Nos dias atuais a divulgação de obras de arte através da impressão está se tornando cada vez

mais difícil de ser assimilada, principalmente pelos jovens que têm acesso aos meios digitais. Se o meio virtual permite uma leitura eficaz de obras que se fazem importantes para a Educação e para a formação dos jovens, os conceitos de divulgação devem ser refeitos e essas mudanças provocam estranhamento.

O ciberespaço faz parte do cotidiano da sociedade atual, mas nem todos têm o domínio necessário para trabalhar nesse ambiente. Devemos ainda ressaltar que nos mais conhecidos *sites* da internet as informações podem ser veiculadas de maneira duvidosa, as fontes e os dados podem não ser confiáveis e precisos. Porém, mesmo aquilo que conhecemos como verdade absoluta pode suscitar dúvidas e questionamentos, como os fatos históricos, por exemplo.

O mais importante, no momento, é atrelar a praticidade do meio eletrônico e o interesse que ele causa nos jovens à qualidade da literatura, para que se promova maior divulgação da leitura de obras consagradas. No meio eletrônico a leitura deixa o caráter de passividade apresentada pela leitura mediada pelo meio impresso, abrindo-se para uma participação mais ampla do leitor, podendo interagir com outros dados e conhecimentos sobre sua leitura. Acreditamos que essa interação tem gerado um resultado positivo, despertando o censo crítico e um grau maior de intimidade com a obra da parte de quem a transforma.

Desde sua origem o romance sempre buscou representar os anseios de quem o lê. Miguel de Cervantes (1547-1616) estava próximo de completar sessenta anos quando trouxe à luz o romance *Dom Quixote* (1605 publica a primeira parte e em 1615, a segunda) apresentando o homem ávido pela liberdade. O advento do cavaleiro coincide com o declínio do império espanhol, daí alguns críticos interpretarem o romance como espécie de metáfora à decadência da Espanha. Em seus últimos anos de vida Cervantes vivencia a derrocada espanhola. A Espanha, que anteriormente havia conquistado muitas riquezas com a União Ibérica, partilha terras com Portugal e consegue conquistar as Filipinas (recebe este nome para homenagear o rei Filipe II), passando por grande crise entre 1606 e 1610. É em meio à crise que Cervantes dá vida a Dom Quixote, atingindo diretamente o escritor que termina seus dias vivendo na mais extrema pobreza.

A personagem Quixote é a representação do homem moderno solitário. Um fidalgo em vias de decadência que entra em sua biblioteca (contrariando a biblioteca de Borges) e cria seu próprio mundo. Busca viver as mesmas aventuras que os cavaleiros viveram nas novelas que ele leu. Hoje, contrariamente, o herói moderno não precisa mais representar uma comunidade, ou os anseios do coletivo.

Todavia o que nos importa é perceber que desde o primeiro romance reconhecidamente escrito, o gênero busca se aperfeiçoar para representar o homem de seu tempo. Cervantes retrata o perfil do homem de sua época e as inovações por ele apresentadas foram tão significativas que, diferentemente das novelas de cavalaria um novo gênero de prosa foi criado. Esse fato reitera a teoria de que o romance apresenta uma capacidade muito grande de adaptação, moldando-se aos anseios de seu tempo e das expectativas do público leitor.

Se na atualidade o meio mais eficaz de leitura ocorre no meio virtual, onde informações são interligadas formando-se uma rede, podemos ter certeza que o romance não se extinguirá, pelo contrário, ele se adaptará rapidamente a esse novo público leitor.

Considerações possíveis

Concluimos que o ciberespaço e o hipertexto são, nos dias atuais, grandes representantes de uma nova maneira de conceber a leitura. Consequências dos avanços da internet, esses recursos permitem o surgimento de um novo perfil de leitores, que buscam uma forma mais interativa de leitura. Não apenas ler de maneira passiva, mas interagir com a obra. Os chamados *links* ligam os elementos textuais aos extratextos que auxiliam na compreensão e na interpretação da obra, de maneira ágil e rápida.

O romance enquanto criação representa a burguesia no seu apogeu. Para se firmar como tal, por muitas vezes, sua utilidade foi questionada e levou determinados críticos, como Lukács, por exemplo, a afirmar que algum dia o romance deixaria de existir.

Todavia, teóricos como Candido (2003) e Fehér (1972) comprovam que o romance está longe de se extinguir. Apesar de tímido, ainda continua vivo no meio literário, pois não perdeu a sua essência de retratar o homem. E por representar seres que de alguma maneira estão ligados ao mundo real do leitor e não semideuses com

destino previamente traçados, é que o romance se renova e ganha forças para continuar existindo.

Desde os primeiros séculos de sua existência até o momento em que deixaram de ser escritos em páginas enormes com capa de couro e passaram a ser impressos no formato de bolso o romance tem se firmado na História. No futuro, talvez, o leitor deverá aprender a lidar apenas com os *e-books*. Quando isso ocorrer, o que importa é que continuará desfrutando de momentos de liberdade, fantasia e imaginação, além do prazer da leitura e da certeza da força que este gênero literário instituiu-se e prosseguirá existindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. A Educação pela noite. São Paulo: Ática, 2003; 3º edição.

ECO, Umberto. Sobre a Literatura. Trad. Eliana Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FEHÉR, Ferenc. O Romance Está Morrendo. Trad. Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

ISER, Wolfgang. O Ato da Leitura. Volume I. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de La Mancha*. Trad. V. De Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Site consultado:

<http://www.webartigos.com/articles/22537/1/O-que-e-Ciberespaco/pagina1.html>. Acessado em 23/03/2011.

SOBRE A AUTORA

Possui graduação em Letras Português Francês Licenciatura Plena pela Universidade Estadual de Maringá (2008) e Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2012). Atualmente é professor tutor - Educação a distância Universidade Estadual de Maringá e professor de Literatura na rede privada de ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia; modernidade, modernismo português, poesia, imagem; lírica, figura feminina e ricardo reis, odes, cenário, lírica pessoana.